



**AgEcon** SEARCH  
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

*The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library*

**This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.**

**Help ensure our sustainability.**

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

[aesearch@umn.edu](mailto:aesearch@umn.edu)

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

**USO E CONSERVAÇÃO DOS REMANESCENTES DE MANGABEIRA POR  
POPULAÇÕES TRADICIONAIS**

**DALVA MARIA MOTA;**

**UFS**

**ARACAJU - SE - BRASIL**

**velma@infonet.com.br**

**APRESENTAÇÃO COM PRESENÇA DE DEBATEDOR**

**AGRICULTURA, MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO  
SUSTENTÁVEL**

**USO E CONSERVAÇÃO DOS REMANESCENTES DE MANGABEIRA POR  
POPULAÇÕES TRADICIONAIS<sup>1</sup>**

**GRUPO de PESQUISA 6-** Agricultura, Meio Ambiente e Desenvolvimento  
Sustentável

**FORMA DE APRESENTAÇÃO:** Com presidente da sessão e presença de um  
debatedor

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pelo MCT/CNPq.

# USO E CONSERVAÇÃO DOS REMANESCENTES DE MANGABEIRA POR POPULAÇÕES TRADICIONAIS<sup>2</sup>

## RESUMO

O estudo objetivou analisar como uma população tradicional usa e conserva os remanescentes de mangabeira<sup>3</sup> em Sergipe e constatou que eles têm conseguido conservar os recursos genéticos dessa espécie a partir de um manejo segundo épocas, forma de acesso ao recurso e manejo tradicional num contexto de crescente valorização da fruta nos mercados local e regional.

**Palavras-chave:** saberes tradicionais, mangaba (*Hancornia speciosa Gomes*), catadores, extrativismo.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, populações tradicionais de áreas de restinga e tabuleiros do Estado de Sergipe têm encontrado no extrativismo da mangaba<sup>4</sup> uma alternativa de ocupação e de geração de renda (Mota e Silva Júnior, 2003a), particularmente, após o declínio da coleta do caranguejo nos manguezais. Em decorrência, investem na conservação dos remanescentes dessa cultura. Ao mesmo tempo, intensificam a sua exploração num contexto de crescente pressão sobre os recursos tanto nas áreas de acesso comum como naquelas privadas nas quais os seus donos, apesar de permitirem o acesso das catadores, as utilizam, cada vez mais, para o cultivo de coqueiro, construção de infra-estruturas turísticas e viveiros de camarão. Essas atividades dependem do corte das plantas e, por extensão, da desestruturação de sistemas de acesso aos bens comuns a partir de normas de conduta partilhadas há anos.

O objetivo deste trabalho é analisar como uma população tradicional usa e conserva os remanescentes de mangabeira no município de Barra dos Coqueiros, SE, no contexto da crescente pressão que ameaça o acesso aos recursos de uso comum, dentre os quais, a construção de uma ponte sobre o rio Sergipe que facilitará o acesso dos residentes na capital do Estado (Aracaju) às áreas remanescentes, crescentemente ocupadas com atrações turísticas.

Apesar desse sistema extrativista existir há mais de um século e de todas as ameaças que põem em risco a sua continuidade, as formas de gestão postas em prática por essa população ainda não foram sistematicamente estudadas e, conseqüentemente, consideradas pelas políticas públicas, apesar das mesmas serem reconhecidas como fundamentais à conservação da biodiversidade. Por outro lado, as catadoras constituem um grupo social que se identifica como agente do processo de desenvolvimento sustentável com baixo impacto sobre o meio ambiente e, assim, é visto também pelo resto da sociedade, à semelhança de outros grupos de populações tradicionais existentes no Brasil (Castro, 1997; Almeida, 2004).

As discussões aqui apresentadas tratam dos resultados da primeira etapa de uma pesquisa que está sendo realizada no município de Barra dos Coqueiros<sup>5</sup>, nos povoados

---

<sup>2</sup> Pesquisa financiada pelo MCT/CNPq.

<sup>3</sup> A mangaba (*Hancornia speciosa Gomes*) é uma fruteira nativa do litoral nordestino e cerrados, é importante produtora de matéria-prima para a indústria de sucos, polpas e sorvetes da região Nordeste.

<sup>5</sup> Município localizado na região leste de Sergipe na Ilha de Santa Luzia e o quinto maior produtor de mangaba de Sergipe. Sua localização é definida pela latitude 10°50'41" S e longitude 36°55'07" W; e sua jurisdição compreende a

Olhos D'Água, Capoã e Jatobá, nos quais o extrativismo da mangaba é uma das principais atividades e fonte de renda dos nativos. O município possui 25% da sua população residindo no espaço rural cujas principais atividades são a agricultura, pesca, turismo e artesanato.

A metodologia de pesquisa foi, predominante, qualitativa constando do levantamento de dados primários (entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, observação participativa) e secundários, organizados para compor um quadro geral do extrativismo, valorizando as práticas de conservação, uso e comercialização dos remanescentes das plantas e frutos.

Em cada um dos povoados foi realizado um estudo de caso e entrevistadas em profundidade três catadoras de mangaba. Todas as entrevistadas residiam nos seus respectivos povoados, são casadas, estudaram as primeiras séries do 1º grau, têm entre 40 e 60 anos e são responsáveis tanto pelo extrativismo, quanto pela pós-colheita e comercialização, assim como, pela socialização das crianças segundo uma divisão social do trabalho amparada fortemente nas diferenças de gênero.

Os dados foram analisados centrando-se nas características das catadoras de mangaba já descritas na literatura (Mota et al. 2003a, 2003b, 2003c), cujas práticas têm permitido: 1) geração de ocupação e renda e 2) conservação da biodiversidade e dos saberes tradicionais a ela associados com baixo impacto sobre o meio ambiente (Silva Júnior et al., 2003). A perspectiva de gênero e a relação passado/presente foram também consideradas na análise.

Espera-se com os resultados dessa pesquisa gerar um tipo de conhecimento que mostre que “a natureza, tal como a observamos hoje, é sempre o produto de uma prolongada atividade humana, geração após geração, civilização após civilização” (Mendras, 1978) e como tal, subsidie políticas e cenários voltados para encorajar à conservação dos recursos naturais através do continuado acesso das catadoras aos mesmos.

### **I- Mapa do extrativismo da mangaba em Barra dos Coqueiros**

A memória oral registra que no passado recente a existência de mangabeiras no município era exclusivamente “provida por Deus” e atendia a todas as necessidades dos antigos residentes, provavelmente, pela oferta exceder à demanda num contexto em que a fruta se destinava apenas ao consumo. Todos os entrevistados afirmam que nenhum habitante influenciava no desenvolvimento das plantas, competindo ao homem apenas usufruir dos frutos ofertados pela natureza. Ou seja, a tese da natureza como produto da ação humana (Mendras, 1978) parece não ter sustentação entre esse grupo que tende a associar o passado longínquo a uma natureza intocada e idealizada na memória oral como “tempos de fartura”.

No presente, no entanto, reconhecem que o aumento da população implicou num maior grau de exploração do meio, fazendo com que estratégias de multiplicação das plantas tenham sido buscadas localmente<sup>6</sup>, e que na atualidade existam mais plantas do que no passado. Assim, a noção de uma natureza intocada cede lugar a “natureza manejada” mas com predominância de uma única espécie que, pelo fato de ser nativa,

---

costa do Estado de Sergipe, desde a extremidade N da foz do rio Sergipe até a divisa com o município de Pirambu através do Rio Japarutuba. A distância da capital Aracaju é de 1 Km e as atividades econômicas desenvolvidas são a agricultura, a pesca e o turismo.

<sup>6</sup> A partir dos anos 70 mudas de mangabeiras foram produzidas como resultados de pesquisa. No entanto, essas populações desconhecem esse processo e as reproduzem segundo saberes e práticas tradicionais.

não parece preocupar os entrevistados quanto à problemática do empobrecimento da biodiversidade.

No povoado **Jatobá**, são três os estabelecimentos<sup>7</sup> que possuem áreas com mangabeiras, e a introdução de plantas através da produção de mudas é cada vez mais freqüente. A quantidade total de plantas é, aproximadamente, de 500 pés em fase de produção que são manejados por 15 catadoras. Esse pequeno número de plantas é decorrente da forte pressão imobiliária nesse povoado nos últimos anos, que tem levado, à diminuição do número de plantas e a mudança no tipo de atividade desenvolvida pelos residentes.

No Povoado **Olhos D'Água**, o extrativismo da mangaba entrou em declínio a partir do final da década de 80 com a intensificação do cultivo do coco o que gerou uma diminuição dos remanescentes de mangabeira e, conseqüentemente, a expulsão de parte da população nativa para a zona urbana. Assim, poucos nativos conseguiram permanecer no povoado na condição de proprietário de pequenos estabelecimentos. Atualmente, cinco dos antigos moradores permanecem nessa área na condição de proprietários de pequenos estabelecimentos com áreas que variam de 10 a 17ha. nos quais existem áreas naturais e cultivadas de mangabeira consorciadas a outras como: mangueiras, cajueiros e coqueiros. Nesse povoado, o número é estimado em 2300 plantas, distribuídas entre as propriedades privadas, não havendo áreas de exploração comum. O número de catadoras é, aproximadamente, 15. Diferentemente do povoado Jatobá, não há loteamentos e sim estabelecimentos que geralmente pertencem a pessoas que não residem nessas áreas e contrata caseiros para o trabalho no campo, o que justifica o pequeno número de moradores nessa região.

O povoado **Capoã** é uma das mais importantes áreas de extrativismo da mangaba, pois apresenta o maior número de plantas e de catadores e de onde se obtém a maior renda com a cultura, cujo extrativismo é a principal estratégia de sobrevivência. Estima-se que o número de plantas seja de 6.400 plantas distribuídas entre pequenos estabelecimentos (cerca de 20) e uma área particular de aproximadamente 50 ha., com cerca de 3000 plantas, explorada como área comum em decorrência do abandono da mesma pelos seus donos. O número de catadores é de cerca de 200 pessoas, sendo 160 mulheres. A superioridade dos números nesse povoado em relação aos demais, é decorrência da relevância dessa atividade na composição da renda familiar. Diante dessa situação, os catadores têm investido no desenvolvimento de práticas de manejo tradicionais que possibilitem um aumento da produção.

Em **Capoã** existem áreas que possuem cerca de 150 plantas por ha. alternadas entre coqueiros, cajueiros e roças<sup>8</sup>. Por essa elevada incidência, o povoado é considerado uma referência no extrativismo da mangaba e, por isso, é ali que as catadoras demonstram um maior domínio das técnicas e saberes associados ao manejo, a pós-colheita e a comercialização.

Esses povoados estão localizados em áreas próximas aos manguezais, o que facilita para que a exploração alternada “mangaba/mangue” faça parte das estratégias de sobrevivência dessa população, reforçando a tese de que o extrativismo deve ser sempre compreendido no conjunto das atividades da população (Diegues, 1998, 2002).

## **II- Formas de acesso às áreas naturais e cultivadas de mangabeira**

---

<sup>7</sup> No povoado Jatobá estima-se em 10 o número de estabelecimentos, considerando-se que o número de loteamentos tem crescido com a fragmentação dessas propriedades.

<sup>8</sup> A roça é caracterizada por esses catadores como o plantio de maxixe, quiabo, feijão de corda e de melancia.

Como observado em outras áreas do Nordeste, existem diferentes formas de acesso às mangabeiras:

- 1) Algumas famílias vivem nas grandes propriedades onde um dos seus membros exerce a função de caseiro e, como tal, exercita o sistema de “meia” com o proprietário, competindo ao primeiro a colheita e a venda. A renda total é dividida entre o catador e o proprietário da área. Nesse sistema o catador de mangaba é o responsável desde a colheita até a comercialização, dividindo o lucro com o dono da propriedade.
- 2) Existem aqueles que colhem a mangaba em terrenos de terceiros (abandonados) ou em terras públicas a exemplo das áreas do Porto de Sergipe e da CODISE – Companhia de Desenvolvimento Industrial e de Recursos Minerais de Sergipe (situados no povoado Jatobá) e do sítio Filizola<sup>9</sup>, que é uma propriedade particular em que o proprietário não aparece há muito tempo e é considerada por muitos como uma área abandonada.
- 3) Outros colhem mangaba no seu próprio terreno e os mantêm cercados para evitar a entrada de terceiros o que influencia para que, cada vez mais, diminuam as áreas de acesso comum nessa região. O que tem diferenciado as duas últimas formas de acesso em se tratando da melhor/pior conservação dos recursos, seriam os tratos culturais dados às plantas nas áreas privadas e que consistem na limpeza da área (retirada do mato e muitas vezes da serrapilheira) ao redor da planta, e na retirada de galhos secos.
- 4) Algumas pessoas invadem as propriedades particulares cercadas e colhem o fruto, da mesma forma como observado em outras áreas de Sergipe (Mota et al, 2003a). Essas invasões acabam ocasionando rivalidades e até mesmo conflitos.
- 5) Há também os que catam mangaba e ganham pelo dia de trabalho. Esse comportamento foi observado numa localidade denominada Rio Morto, que fica entre os povoados Capoã e Jatobá<sup>10</sup>.

Comparando as diferentes formas de acesso, as mais prejudiciais à conservação dos remanescentes são as áreas de livre acesso, onde o extrativismo é intenso, as plantas não são cuidadas, ficando expostas a agressões, especialmente, no período de safra, quando são retirados frutos verdes e os galhos são quebrados. Mesmo nessas áreas, a intensificação das colheitas acaba gerando discussões, pois há compreensões diferentes quanto aos procedimentos a serem utilizados no extrativismo. Para alguns, o uso intensivo dessas áreas não tem prejudicado a produção e, para outros, as conseqüências são visíveis e têm prejudicado enormemente à conservação, compreensão que é reforçada pela literatura recente para outras áreas do Nordeste (Mota e Silva Júnior, 2005).

### **III- Organização do trabalho**

Como em outras atividades no espaço rural, a divisão social do trabalho está intimamente vinculada ao sexo, idade e posição ocupada na família como pode ser observado no Quadro 01. No entanto, destaca-se a quase exclusividade das mulheres

---

<sup>9</sup> O sítio Filizola é a área de maior concentração de mangabeiras e considerada a maior produtora do município de Barra dos Coqueiros.

<sup>10</sup> O sítio do Rio Morto pertence ao Grupo Gbarbosa, e uma das catadoras entrevistada já residiu nessa área. Ela afirmou que tanto ela como os filhos trabalhavam no extrativismo da mangaba e recebiam pelo dia de trabalho o equivalente hoje entre oito e dez reais, que era pago pelo gerente do sítio, pessoa encarregada de gerir toda a produção local.

desde a propagação das plantas à comercialização dos frutos como uma particularidade considerando-se que, normalmente, as atividades que envolvem transações comerciais estão sob a responsabilidade dos homens no município. Mais recentemente, no entanto, a comercialização da mangaba começa a chamar a atenção dos homens em decorrência da valorização econômica da fruta num mercado que, cada dia mais, demanda rotas e desvincula locais, época de produção e formas de consumo.

**Quadro 01:** Organização do trabalho numa comunidade tradicional do município de Barra dos Coqueiros, SE.

<b>RESPONSÁVEL</b>	<b>ATIVIDADE</b>
<b>Homens</b>	Cuidam da cultura do coco, trabalham de enxada na produção de roças de feijão de corda, de quiabo, de melancia e de maxixe.
<b>Mulheres</b>	Cuidam da casa, é responsável pela reprodução das plantas, colheita, armazenamento e comercialização da mangaba, do caju, da manga e do murici. <u>Ajudam no período de colheita da roça.</u>
<b>Crianças</b>	As meninas ajudam as mães em todas as suas atividades (casa e campo) e os meninos acompanham os pais na roça e auxiliam as mães no campo na colheita da mangaba.

O predomínio das mulheres na atividade pode ser explicado pelo fato de que até os anos 80, a utilização de frutas nativas, ainda não era muito valorizada e, por esse motivo, destinavam-se ao consumo familiar e, apenas em pequenas quantidades, eram comercializadas. Por serem sazonais, não representarem volumes expressivos e não demandarem investimentos e recursos tecnológicos não constava no elenco das culturas comerciais, e por isso, os recursos obtidos com a sua venda se destinavam a suprir necessidades esporádicas, como uma roupa ou sapato para uma festa ou para o lazer. Ou seja, um extra para os diferentes membros da família que se dedicassem ao extrativismo considerando que a fruta ainda não era tão intensamente vinculada ao mercado.

Por tudo isso, as áreas de mangabeiras se constituíam em espaços de domínio feminino e também pela facilidade de revezamento das mulheres entre a atividade doméstica e a extrativista, normalmente, realizada nas proximidades da casa e sem demandar longas e ininterruptas jornadas de trabalho.

Nesse universo, lidar com a mangaba não era considerada uma atividade pública e nem geradora de renda, portanto, pertinente ao domínio das mulheres em oposição ao dos homens em que vigora o negócio, o público. Está implícito nessa concepção a desvalorização do trabalho extrativista que é mais considerado como atividade lúdica ou não geradora de valor.

Sob outra ótica, papéis genéricos masculinos e femininos, amparados numa polarização de qualidades “próprias” ou “adequadas” a cada um deles. Nesse caso, o pomar é considerado uma extensão da casa, portanto, domínio preferencial das mulheres que se desdobram entre as funções domésticas e extrativistas, que são consideradas leves. O extrativismo da mangaba não é considerado socialmente adequado ao elenco das atividades do denominado provedor da família que necessita de certa regularidade nos ganhos.

As crianças, tanto meninos quanto meninas, também participam desse processo a partir dos sete anos de idade. O que tem se observado é que anteriormente, as crianças de ambos os sexos começavam ajudando e depois os meninos não catavam mais, voltando-se completamente a cuidar da roça. Hoje nota-se que a participação dos jovens tem aumentado e, segundo as mulheres, isso se deve ao fato do crescimento da

importância econômica da mangaba. O lucro com a mangaba é superior ao do gerado com coco.

Os homens são responsáveis pela agricultura e colhem mangaba apenas quando estão disponíveis, mas não participam nem do beneficiamento nem da comercialização da mesma, tarefas ainda consideradas exclusivamente femininas. No entanto, alguns homens começam a “ajudar” no processo de comercialização, mas sob a liderança das mulheres. Isso levou um entrevistado a afirmar “eu ajudo a minha mulher aí na venda das mangabas”. Estaria havendo uma inversão de papéis? Ainda é prematuro afirmar que sim, mas é claro que as mulheres detêm esse espaço do mercado e não parecem dispostas a abrir mão dessa conquista.

Um outro aspecto interessante na organização do trabalho é quanto aos papéis de homens e mulheres na socialização das crianças, cabendo aos dois a transmissão dos saberes e práticas acumulados em cada atividade. A socialização funciona como um reforço aos papéis de homens e mulheres associados a leve e pesado, público e privado.

Independentemente da idade ou do sexo da catadora, o cuidado com a planta é visível na forma de colher e de lidar com as mesmas, evitando-se a quebra de galhos e o extrativismo predatório. O compromisso das catadoras com as plantas se mostra pela preocupação em conservar aquelas existentes e favorecer a dispersão dos frutos através dos animais e/ou produção de mudas, garantindo assim, a reprodução desse patrimônio para as gerações futuras. Para elas, o extrativismo da mangaba representa uma importante fonte de renda que tem possibilitado ao, longo dos anos, o sustento de toda a família. Daí a importância de se repassar esses conhecimentos para os filhos de modo que possibilite a continuação das práticas desenvolvidas e garanta a conservação das áreas nativas.

No geral, as mulheres se diferenciam dos homens quanto aos papéis de cada um na conservação dos remanescentes, supervalorizam as suas atribuições em detrimento da dos homens que, segundo elas, não têm agilidade nem destreza para as atividades de colheita e pós-colheita, pois a fruta quando madura é muito delicada e se estraga facilmente com o manuseio inadequado. Não estaria implícita nessa crítica uma tentativa de garantia de posições conquistadas face à crescente tendência de valorização da mangaba?

#### **IV- Conservação e usos**

De modo geral, as mangabeiras situadas no município de Barra dos Coqueiros apresentam-se em grande número e são descritas pelos seus catadores como plantas de terreno seco, de areia ou como eles denominam de “caatinga”.

##### **1- Mangabeiras: “coisa de Deus ou dos homens”?**

Segundo as entrevistadas, no povoado **Jatobá**, as áreas de mangabeira são formadas por plantas nativas e cultivadas, muito embora não seja perceptível a diferença entre umas e outras porque, segundo eles, foi conservado o mesmo tipo de disposição que, historicamente, predomina nos pomares. O plantio da mangabeira se dá através de mudas produzidas com sementes selecionadas (fruta amadurecida naturalmente). Para algumas catadoras existe dificuldade na germinação já que as sementes não brotam facilmente e as mudas exigem cuidados (regar e colocar coberturas para evitar o sol em excesso), desnecessários para aquelas que germinam naturalmente. Essas últimas são muito valorizadas e estimuladas a crescer com a observação constante para combater qualquer empecilho (outras plantas em volta, por ex.).

Em todo esse processo, a observação é uma condição indispensável à reprodução das plantas o mais próximo possível ao que pensam como o “natural”, ou seja, “deixado por Deus” nas palavras de uma catadora. Assim, há uma mescla de plantas de diferentes



idades e distâncias no mesmo espaço. Saberes praticados tradicionalmente são postos em prática a exemplo da disposição das plantas, da seleção das mesmas para a colheita e dos tratamentos com os frutos.

Da mesma forma que em Jatobá, no Povoado **Olhos D'Água** há uma mescla entre plantas nativas e cultivadas, sendo esse povoado, reconhecido como um dos pioneiros no extrativismo de frutas como mangaba<sup>11</sup>, murici (*Byrsonima sericea*), cambuí (*Myrcia sp.*) e caju (*Anacardium occidentale*).

Como visto, pode-se afirmar que há uma crescente preocupação com o plantio de novas áreas nos três povoados, em decorrência da valorização da fruta nos mercados local e regional.

Como discutido na literatura (Faria et al, 2005; Diegues, 2001; Pereira, 2004; Mota & Silva Júnior, 2003a), as populações tradicionais conhecem detalhadamente o comportamento dos recursos com os quais se relacionam há anos, mas esse conhecimento é associado à intensidade da relação, a origem e idade e a forma de acesso. Quanto mais intensa a relação, mais saberes e práticas são dominados como acontece no povoado Capoã, onde cada detalhe do desenvolvimento da planta é observado e repassado como uma lição para as gerações futuras. A troca de experiências se dá a partir da vivência dos mais jovens com os mais velhos, predominantemente, pela demonstração nos diferentes momentos de desenvolvimento da planta.

## 2- A produção de mudas como desafio

A produção de mudas é feita de forma artesanal e o processo praticamente se repete nos três povoados. As etapas da produção de mudas estão descritas no Quadro 02<sup>12</sup>.

**Quadro 02:** Descrição do processo artesanal de produção de mudas.

<b>TIPOS DE MUDAS</b>			
<b>Mudas a partir de sementes</b>		<b>Mudas a partir do fruto</b>	
<b>ETAPAS</b>	<b>Seleção da semente</b> – A partir do fruto bem maduro, retira-se a semente com cuidado, colocando-a para secar.	<b>ETAPAS</b>	<b>Seleção do fruto</b> – Deve-se escolher frutos maduros.
	<b>Semeadura</b> – As sementes são colocadas em pequenos sacos contendo areia; Deve-se ter o cuidado de regá-las constantemente até as sementes germinarem e as plântulas alcançarem um tamanho que possibilite a sua transferência para as áreas escolhidas.		<b>Plantio</b> – Após a seleção do fruto planta-se o mesmo inteiro diretamente no local definitivo, não separando a polpa e a casca. A germinação e o desenvolvimento ocorrem diretamente no local escolhido, não necessitando de transplantio.

<sup>11</sup> Uma das mais antigas catadoras de mangaba da região faz parte desse grupo.

<sup>12</sup> As mudas podem ser obtidas tanto a partir da semente como a partir do fruto inteiro, em ambas as etapas de seleção da semente e fruto, germinação e início da frutificação duram, respectivamente 1 dia, 1 a 2 meses e 2 anos. No entanto, o plantio do fruto inteiro no local definitivo é o processo mais utilizado pela maioria dos catadores.

<p><b>Escolha do local de plantio</b> – Deve-se escolher uma área aberta para que a muda possa se desenvolver sem competir com as demais plantas. Faz-se a transferência da plântula do saco para o local definitivo. Os cuidados, a partir daí, deverão ser as regas e o controle de plantas daninhas.</p>	<p><b>Escolha do local de plantio</b> – Após a semeadura direta no campo, o catador tem o cuidado de regar o local e controlar plantas daninhas.</p>
---	--

Conforme relatos dos entrevistados no povoado Capoã a técnica de produção de mudas, seja através dos sacos plásticos para o transplantio ou da semeadura direta, vem sendo reduzida porque tem se notado que a dispersão natural de sementes proporciona plantas mais resistente aos fatores ambientais e com um melhor desenvolvimento do que com mudas. A resistência é colocada pelos catadores como uma condição especial das plantas dispersadas naturalmente para suportar o calor, a terra seca e, conseqüentemente, a escassez de água. Segundo os catadores entrevistados, dois dos responsáveis pela dispersão das sementes e sua rápida germinação são o cavalo e o gado, que se alimentam do fruto maduro que encontram no chão, além dos pássaros que também contribuem significativamente.

### 3- Os cuidados com as plantas: tarefa das mulheres?

Para os catadores os cuidados dispensados às mangabeiras são mínimos se comparado ao coco, como pode ser observado no Quadro 03.

**Quadro 03:** Práticas culturais executadas na mangabeira no município de Barra dos Coqueiros, SE.

POVOADO	PROCEDIMENTO
Olhos D'Água	Retiram-se todas as plantas que se desenvolvam embaixo e próximo aos pés de mangaba. Os galhos secos que normalmente aparecem nas plantas são removidos e todas as folhas que se encontram embaixo das plantas são retiradas deixando as áreas limpas sem vegetação e folhas secas que caem dos pés de mangaba.
Capoã	As plantas invasoras são removidas e arrastadas para os pés de mangaba. As folhas que se depositam naturalmente embaixo das plantas não são retiradas, apenas os galhos secos que normalmente aparecem nas plantas são removidos. Essa estratégia de conservar a serrapilheira se deve à retirada da mangaba “de vez”, que quando cai perde muito látex, e em contato com a terra os frutos ficam muito sujos dificultando o processo de “encapotamento”. Com a serrapilheira esses frutos se mantêm limpos isentos de areia, o que facilita o trabalho dos catadores.
Jatobá	Os cuidados utilizados nesse povoado são idênticos aos usados no povoado Olhos D'Água, pois esses catadores colhem a mangaba “de caída”.

A extração do látex da mangabeira para fins comerciais não é uma atividade desenvolvida nessa área, sendo realizada apenas quando pessoas, geralmente da zona

urbana que não têm acesso aos remanescentes, solicitam para fins medicinais<sup>13</sup>. Mas, a extração do látex é considerada por alguns como atividade que pode causar sérios danos à planta, ocasionando a diminuição da produção e até a sua morte.

#### **4- A colheita e “encapotamento” do fruto**

A safra começa em dezembro e se estende até agosto ocorrendo variações na quantidade de frutos produzidos nesse intervalo de tempo. Segundo os entrevistados a produção ocorre durante nove meses sendo intercalados por períodos de alta e baixa produção. A primeira safra (dezembro a março) é considerada a de melhor qualidade. Há divergências em considerar o número de safras que ocorrem no ano, uns afirmam que são três e outros que são duas.

A colheita é feita a partir do amanhecer (por volta das 5h30min) e ao entardecer. Os catadores evitam os horários mais quentes, pois o sol em excesso acaba queimando o fruto, afetando a aparência e o sabor. As visitas aos pés consistem em catar os frutos maduros que já estão no chão (chamados mangaba “de caída”) e retirar com um gancho de ferro os frutos que se encontram próximos ao amadurecimento (chamados “de vez”). A retirada pode se dar também através da subida nos pés e essa tarefa é desempenhada tanto por crianças como por mulheres.

Quanto à forma de amadurecimento, o fruto pode ser classificado como “de caída” ou “de capota”. A mangaba “de caída” como mencionado anteriormente é aquela que cai do pé naturalmente, efetivamente maduro. Já a mangaba “de vez” é aquela que é retirada do pé antes de completar o seu amadurecimento efetivo, e que passa por processo de amadurecimento<sup>14</sup>. O processo de encapotamento consiste da lavagem do fruto, após a colheita, em seguida são colocados para enxugar sobre um pano seco, logo depois são colocados em baldes revestidos com papel e cobertos também com papel ou pano de tecido. Após três dias, os frutos têm completado o seu amadurecimento e estão prontos para serem comercializados. Apesar de todos esses cuidados a chamada mangaba “de capota” não alcança valores tão elevados no comércio e nem é tão saborosa como a mangaba “de caída”, embora seja muito importante para a agroindústria que as prefere em detrimento da “de caída”, por serem resistentes ao transporte e ao beneficiamento.

#### **5- A venda: mercado cada vez mais promissor**

Nos últimos anos a mangaba ganhou destaque em espaços não convencionais de comercialização e esse destaque tem aquecido as vendas que se dão pelos próprios nativos ou por intermediários. No primeiro caso, a medida volumétrica utilizada para se vender o fruto são baldes de cinco litros e cestos nos casos em que a mangaba “de caída” é pouca. O valor da medida varia de acordo com o tipo de mangaba a ser vendida. Se for mangaba “de caída”, o balde custa em torno de doze reais e se for mangaba “de capota” custa entre seis a oito reais. O preço depende da disponibilidade do fruto. O faturamento diário depende da quantidade de medidas vendidas no dia e do tipo da mangaba em questão. Na fase de alta produção aproximadamente 50 catadoras atravessam com 25 baldes de mangaba cada uma, gerando um total aproximado de 1250

---

<sup>13</sup> Segundo Silva Júnior (2003), algumas partes da mangabeira são utilizadas para fins medicinais como a casca que possui propriedades adstringentes e o látex, que é empregado contra doenças pulmonares, tuberculose, úlceras e herpes. Também é utilizado no combate as câimbras. Silva Júnior destaca ainda a utilização, por uma comunidade do Pontal, Sergipe, da mistura do látex com água para pancadas, fraturas e inflamações.

<sup>14</sup> Chamado “encapotamento”. As mangabas “de vez” submetidas ao encapotamento são denominadas mangaba “de capota”.

baldes. A elevada oferta do fruto gera a queda no preço, que se reduz à metade, em decorrência do mesmo ser altamente perecível e o consumidor, muitas vezes, determina o preço do produto. Os intermediários não participam desse processo visto que o produto é diretamente negociado com os feirantes do Mercado Central e da Ceasa de Aracaju.

A comercialização é feita por mulheres que colhem o fruto junto com os filhos, encapotam por três dias e de madrugada atravessam o Rio Sergipe até Aracaju em barcos, para vender o seu produto nas feiras livres, mercado e/ou negociam diretamente com o Ceasa – Aracaju. A venda é realizada, em sua maioria, sempre no atacado e nas primeiras horas da manhã para evitar à fiscalização, pois os mesmos não são credenciados no Mercado Municipal.

### **Conclusões**

A pesquisa permite concluir que:

1. Devido ao valor agregado à mangaba nos últimos anos (polpas, sorvetes etc.), o seu extrativismo é uma prática que vem se intensificando no município de Barra dos Coqueiros, SE, e mais, especificamente, no povoado Capoã, sendo fonte de geração de emprego e renda, principalmente, para as mulheres.
2. O extrativismo é feito predominantemente por mulheres que se revezam entre a casa e o campo, mas há a participação de crianças e jovens. Os homens ajudam na atividade quando a produção é intensa. São as mulheres portadoras de saberes que têm contribuído para a conservação dos remanescentes.
3. Os catadores de mangaba, descendentes em sua maioria de sítiantes, são uma nova tipologia dentro das comunidades tradicionais que apresentam saberes acumulados, e formas particulares de reprodução desses conhecimentos através das gerações, sobre práticas de manejo das plantas, produção de mudas para a preservação das áreas e colheita.
4. As formas de acesso aos remanescentes se dão de três formas: em terras próprias, pelo sistema de “meia” e uso de áreas comuns, determinantes nas estratégias de conservação.
5. A intensificação das colheitas caracterizando extrativismo predatório, é um dos fatores que tem contribuído para a exaustão das plantas, especificamente nas áreas de exploração comum onde não há os mesmos cuidados dispensados nas áreas particulares.
6. A comercialização do fruto, proveniente da Barra dos Coqueiros, ainda se restringe ao mercado local, e são os nativos os responsáveis por essa atividade.
7. No geral, as catadoras de mangaba são as responsáveis pela conservação dos remanescentes de mangabeira, visto que as mesmas visualizam essas áreas como um patrimônio que precisa ser preservado garantindo assim a reprodução para as gerações futuras.
8. Os cuidados não se limitam ao plantio, mas também ao manejo por meio da retirada dos galhos, colheita dos frutos, observação das diferentes etapas de reprodução, diferenciação das plantas, folhas, frutos e controle das ervas daninhas que têm consequências positivas na seleção e conservação das plantas *in situ* seja pela propagação natural ou realizada pelo homem.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, M. W. B. **As reservas extrativistas e as populações tradicionais.** Entrevista do mês. <http://www.comcencia.br/entrevistas/almeida.htm>. Acessado em 14/09/2004

- CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: CASTRO, E. & PINTON, F (orgs.). **Faces do Trópico Úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**. Belém, PA: Cejup, 1997, p.263 – 283.
- DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1998. 169p
- DIEGUES, A. C. & ARRUDA. R. S. V. (orgs.). *Saberes Tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília*: Ministério do Meio Ambiente, São Paulo: USP, 2001.
- DIEGUES, A. C. S. Aspectos sociais e culturais do uso dos recursos florestais da Mata Atlântica. In: SIMÕES, L. L.; LINO, C. F. (orgs.). **Sustentável Mata Atlântica**. São Paulo: Senac, 2002, p. 135-158.
- FARIA, I. M., VALENCIO, N. L. da S., MANCUSO, M. I. R. & SILVA, M. A. de M. Vozes e imagens do rio São Francisco: um estudo sobre populações tradicionais e problemas ambientais. In: BRUMER, A., PIÑERO, & D. LEPRI, M. C. ...[et al]. *Agricultura Latino-americana: novos arranjos e velhas questões*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- MENDRAS, H. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOTA, D.M.; SILVA JÚNIOR, J.F. **Populações tradicionais e formas coletivas de gestão e preservação dos remanescentes de mangabeiras no litoral sergipano**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2005. n.p. (Relatório de projeto de pesquisa financiado pelo CNPq).
- MOTA, D. M. da. & SILVA JÚNIOR, J. F. da. Populações Tradicionais e Formas Coletivas de Gestão das áreas de ocorrência natural de mangabeira. In: **Raízes: Revista de Ciências sociais e econômicas**. Campina Grande: UFCG. V.22, n.2, p.225-233, jul./dez. 2003a.
- MOTA, D. M. da, SILVA JÚNIOR, J. F. da. & GOMES, J. B. V. Lógicas de reprodução social de uma população tradicional de catadores de mangaba no litoral sul sergipano. In: **ANAIS do Simpósio Brasileiro sobre a Cultura da Mangaba**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2003b. CD-ROM
- SILVA JÚNIOR, J. F. da.; MOTA, D. M. da, & GOMES, J. B. V. Representações de uma população tradicional de catadores acerca do extrativismo da mangaba no litoral sul de Sergipe. In: **ANAIS do Simpósio Brasileiro sobre a Cultura da Mangaba**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2003c. CD-ROM
- PEREIRA, O. P. Criação de projeto de assentamento sob condições especiais em área frágil. In: MOTA, D. M. da; GOMES, J. B. V. e CARVALHO, L. M. de. (orgs.). *ANAIS do Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção*. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2004.
- SILVA JÚNIOR, J. F da. Recursos genéticos da mangabeira nos tabuleiros costeiros e baixada litorânea do nordeste do Brasil. In: **ANAIS do Simpósio Brasileiro sobre a Cultura da Mangaba**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2003. CD-ROM